

## EM CIRCULAÇÃO NA REDE

“Muita gente pergunta se tem idade para estar na luta? Nascer Indígena é já nascer guerreira do útero do corpo ao útero da luta. (Célia Xakriabá).

“O olhar não é somente a janela da alma é a voz guiaça, o olhar reflete aquilo que o coração está cheio ou vazio, porque o olhar revela, o olhar também grita mesmo quando aparentemente estamos em silêncio, o olhar também conversa é o espelho do nosso eu refletido no outro, por isso não somente o corpo resiste mais o olhar também, para ir além é como fotografar o interior de alguém”.

(Célia Xakriabá).

“Estão dizendo que sou mãe da natureza. Nasci no mato. Eu cuido da minha floresta, lá tem comida boa, tem fruto, tem caça, tem açaí, castanha que a gente come. Vocês também comem, então para que vai destruir? Isso que faz a gente viver bem, vai fazer os nossos netos viverem bem também”.

(Tuíre Kayapó Mebêngôkrê).

“Eu sou mulher, mas eu luto assim... Um pouquinho, né? [...]diz hoje tem escola, rádio, motor para puxar água. A pessoa chega e me procura para as coisa, então eu tô ficando. A Funai, quando era boa, mandava dinheiro e eu fazia as compra. Não sei disso aqui – ela aponta para minhas anotações – mas as conta eu sei [...] de primeiro, eu não sei língua de vocês, mas fui na escola um pouquinho e um pouquinho eu aprendi. Eu falo pros netos: pode andar no estudo, mas não esquece a cultura dos bisavô. Tem que saber a cantoria de nós, saber correr com tora, caçá, botá roça...”

(Madalena Krahô).

“Ser mulher indígena é mais difícil. A gente sofre mais preconceito, não consegue trabalhar, não têm muitas formadas...

Para o homem indígena já é mais fácil um pouco [...] os indígenas são discriminados, ficamos meio esquecidos... Minha avó, quando eu era criança, não se preocupava com nada. Hoje a gente tem que lutar pelo território. Por isso falo pros meus filhos: estudem para lutar pelos nossos direitos”.

(*Maxi Huni Kuin*).

“A estratégia das mulheres Maxakali é não deixar as crianças aprenderem português antes dos 12 anos, como forma de preservar sua cultura. Hoje fico muito feliz de ver um fortalecimento espiritual e cultural entre os Maxakali”.

(*Cristina Takuá*).

“Existe violência contra a mulher indígena em muitas comunidades. É preciso reconhecer que nós, mulheres indígenas, com nossas capacidades e potenciais, não somos parte de um povo, nós somos um povo. Se um homem agride e viola uma menina ou uma mulher, ele agride seu povo”. (*Samantha Ro'otsitsina Xavante*).

“Há várias histórias de estupros e de raptos que ocorreram ao longo do tempo e fizeram com que a comunidade indígena criasse estereótipos de que os homens brancos são maus. Por exemplo, quando uma criança faz malcriação algumas pessoas da tribo dizem: “se você não ficar quieto, o branco vai vir te pegar e te levar embora”.



Daí, nós temos que falar que não são todos os brancos que vão chegar, raptar e levar embora nossos filhos. É uma relação dialética entre os povos. Passa por

aquilo que alguns estudiosos chamam de “o caminho do conhecimento”: ele passa pelo pensar, pelo sentir e pela ação. Então como é que você vai fazer isso e de que maneira transmitiremos essa aprendizagem?

Falamos para eles observarem as pessoas que nos visitam, que geralmente são funcionários da FUNASA ou da FUNAI, ou é uma pessoa que veio fazer um trabalho de mestrado ou doutorado. Essas pessoas chegam e trazem respostas para os questionamentos deles e os nossos”.

(*Severia Idiorê*).

“Todos os antropólogos que vão aos Krahô só pesquisam os homens. Eles não pesquisam as mulheres. A mulher fica de lado, sempre lá para os fundos da casa. Eles não chamam as mulheres para pesquisar.

Fiquei observando isso desde quando meu marido era vivo e eu me perguntava: por que os antropólogos vão à aldeia e só pesquisam os homens? Só andam com os homens? Os mensageiros da aldeia são os homens, para dar notícia, para distribuir. Mas é falsidade os homens explicarem tudo porque não sabem tudo. Ao pesquisar, vi que a maioria das coisas não é do jeito que estão registradas, porque são as mulheres que fazem e os homens que contam. Mal acredito que tinha tanta coisa guardada com as mulheres mais velhas! Nunca saiu

nada das histórias das mulheres Krahô, de como faziam as coisas, nenhum livro conta a mulher Krahô. Nenhum. O antropólogo pode ser mulher, pode ser homem, o que for, vai pesquisar os Krahô e só procura os homens”.

(*Cruza Prumkwyj Krahô*).